



Entre malas e viagens: a arte contemporânea e as possibilidades da docência com e para as crianças

Between bags and travels: contemporary art and the possibilities of teaching with and for children

Entre bolsos y viajes: el arte contemporáneo y las posibilidades de enseñar com y para los niños

Elen Maisa Alves da Silva¹



<https://orcid.org/0000-0002-9898-134X>

CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. (Orgs.). **Arte contemporânea e Educação Infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017.

Um mar de histórias, afetos, escolhas, olhares e defesas sobre as infâncias e suas relações e aproximações com a arte é o que constitui *Arte Contemporânea e Educação Infantil: crianças observando, descobrindo e criando*, obra organizada por Susana Rangel Vieira da Cunha e Rodrigo Saballa de Carvalho e publicada pela Editora Mediação em 2017. Uma bagagem de docências, que reúne a escrita colaborativa de diferentes autores, convida o leitor a “discutir as possibilidades e os limites da escola como o *lugar de infância*, nos nossos tempos” (QUINTEIRO, 2009, p. 20, grifo do autor), problematizando a educação infantil e as vivências das crianças com a arte contemporânea.

Para além da arte enquanto aula expositiva ou promotora de técnicas e/ou habilidades manuais, nove narrativas docentes evocam a escola infantil e suas aproximações com a arte contemporânea na perspectiva de um contexto cultural e de vida coletiva das infâncias. Neste sentido, ressaltam a arte como experiência (DEWEY, 2010); isto é, um momento singular de investigação e participação da criança em práticas escolares que mobilizam suas vivências, sentidos e conhecimentos.

¹Mestra em Educação (UFRGS), Professora de Educação Infantil na Prefeitura de Canoas. E-mail: elenmais@gmail.com

Ao encontro de uma docência inventiva, Suzana Rangel Vieira da Cunha, no capítulo inicial, discorre sobre “*Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje*”, ao colocar em xeque as concepções do professor sobre arte e infância e as implicações no trabalho pedagógico. A autora argumenta que as concepções de arte são culturais, ou seja, construídas em realidades sociais que sustentam artefatos que “produzem nossos modos de planejar e desenvolver propostas nos contextos educacionais” (CUNHA et al., 2017, p. 9). Por outro lado, ressalta a arte contemporânea enquanto tempo presente e lugar de contestação de paradigmas ao instigar a criança a pensar sobre o mundo da vida e as interações sociais. Neste sentido, o segundo capítulo, *Arte, infância, formação docente e cultura na Escola*, de Rosa Iavelberg, aposta no potencial criativo da criança à medida que a ação docente proporciona “viver a arte na escola de modo autoral” (IAVELBERG, 2017, p. 27). Aponta o compromisso ético, o olhar e a escuta docente como imperativos nos percursos de experimentação e criação de significados e aprendizagens da criança.

Os diferentes modos da escola em aproximar as crianças de artefatos, imagens e/ou narrativas culturais é a discussão de *A potência edu(vo)cativa das artes visuais*, de Lútiere Dalla Valle e Jéssica Maria Freisleben, terceiro capítulo da obra. Sob o viés da cultura visual, os autores debatem sobre a ação docente que produz experiência educativa e, neste processo, como cada um “atribui sentido e/ou significado a determinados aspectos da vida” (VALLE; FREISLEBEN, 2017, p. 48). Para tanto, analisam a experiência compartilhada entre professores em formação inicial na licenciatura em Artes Visuais e um coletivo de professoras de turmas do Ensino Fundamental. A vivência da criança em projetos escolares de artes visuais é o proposto por Maria Eduarda Rangel Vieira da Cunha em *Visitando e criando a partir de uma exposição de arte contemporânea*, quarto capítulo. Através da exploração de materiais inusitados, desafia o imaginário e a criatividade infantil a partir da apreciação de obras de artistas brasileiros da contemporaneidade. Ao longo de escrita, aborda as relações entre afeto, criança, sensibilidade e arte nas ações educacionais.

“A escola é um espaço de arte contemporânea?” é a questão norteadora de Camila Bettim Borges (2017, p. 66) para instigar sobre o lugar da arte na educação. Neste quinto capítulo, *Respingos, colagens, vozes, sensações...*, as ideias da autora ressaltam a “aproximação entre a infância e a arte contemporânea” (BORGES, 2017, p. 69) em uma reflexão crítica sobre as ações e as experiências das crianças. O desenho como uma linguagem que “comunica, expressa e conta histórias” (BERTASI; CARVALHO, 2017, p. 75) é a defesa de Andressa Tháís Favero Bertasi e Rodrigo Saballa de Carvalho no sexto capítulo, denominado *As produções gráfico-plásticas das crianças*. Apoiados em Gobbi (2009, 2010) e calcados em outros autores, problematizam a naturalização do desenho, incentivando a pensarmos os traços e marcações infantis como um discurso que apresenta as ideias das crianças sobre a realidade social e cultural em que está imbricada (BERTASI; CARVALHO, 2017, p. 77-80). O desenho

como uma experiência educativa que convida a conhecer o universo infantil e as particularidades da expressão plástica das crianças. O desenho como um documento e um artefato cultural que expressa o olhar do desenhista sob a vida e suas relações e sinaliza como é “ser criança” em determinado contexto sociocultural. Com a “voz forte” (GOBBI, 2017, p. 89) que propaga a visibilidade de si e dos outros chega a nós através do sétimo capítulo, *Crianças, Fotografias, Derivas*, redigido por Maria Aparecida Gobbi. No texto, a autora relata a experiência de crianças com fotografias, especialmente, uma pesquisa sobre o uso da máquina fotográfica e as relações das imagens captadas com os cotidianos e experiências das crianças. A autora destaca a percepção docente durante a investigação imagética e apresenta os verbos “olhar, ver, receber e guardar” (GOBBI, 2017, p. 99-100) como possibilidade para conhecer e compor narrativas sobre as pessoas e as relações do cotidiano; ao passo que os verbos “dar, receber e retornar” (GOBBI, 2017, p. 101) observa a relação entre a imagem e aquele que a aprecia.

O projeto “PesquisAÇÕES” realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é o cenário de investigação de Cayenne Ruschel da Silveira e Stéfani Vieira em *Criando com pedaços de papel*. Neste oitavo capítulo, advogam que o manuseio de materiais expressivos e diferentes suportes aproximam a criança da arte contemporânea e a impulsiona na criação de novos olhares sobre o mundo (SILVEIRA; VIEIRA, 2017). Especialmente, as autoras referem a potencialidade da expressão infantil através de produções gráfico-plásticas com papéis picados; ações pedagógicas voltadas com vistas à invenção e a composição de imagens que dialogam com as realidades das crianças. O último capítulo, *A experiência dos bebês om a arte*, de Silvia Pillotto e Carla Clauber, tensiona a arte nos espaços escolares planejados para os bebês e como as ações pedagógicas os posicionam como sujeitos participantes destas vivências. A sensibilidade é apontada pelas autoras como possibilidades de uma docência que instiga os “territórios de experiências e de sentidos” (PILLOTTO; CLAUBER, 2017, p. 113) dos bebês, provocando não somente os afetos, mas as relações e aprendizagens.

Este conjunto de vozes docentes ecoaram incertezas e inquietações sobre as práticas artísticas contemporâneas na educação infantil: como pensar (e trabalhar) arte (e que arte) na escola? As escritas ressaltaram uma arte que deve ser presente ao tempo da criança, indagando os clássicos canônicos e os efeitos e sentidos do cotidiano infantil nas propostas pedagógicas. Nas palavras de Larrosa (2019, p. 5), “a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura”. Isso significa uma ação docente que acolhe a prática em arte como uma provocação, ou seja, oferece uma cena pedagógica que incita o entendimento do mundo e contrapõe os estereótipos de forma crítica e sensível.

Ao propor a reflexão sobre as memórias guardadas (e transportadas) na bagagem docente, Cunha e Carvalho (2017) mobilizam a confrontar a agência docente e suas intenções e investimento pedagógico na singularidade da criança em suas produções. Neste sentido, destaco um feixe de

questões apresentadas pelos diferentes partícipes do livro ao abordarem a problematização sobre o ensino da arte contemporânea:

a) *A educação e infância e os seus contextos de inscrição*, entendendo a cultura como uma cadeia de instituições e práticas que constroem efeitos e significados sobre as infâncias e definem o pensamento pedagógico sobre o ensino de arte. Ao professor, cabe observar a conjuntura social e as políticas educacionais vigentes e oportunizar práticas capazes de desconstruir padrões e promover o universo da expressão infantil (CUNHA et al., 2017). A escola infantil como um laboratório de pensamentos onde “as crianças de fato fazem arte ao bagunçarem o mundo imagético das formas convencionais” (CUNHA et al., 2017, p. 13).

b) *A escola como um lugar de vivências infantis* que são investigadas em práticas artísticas que dialogam com o tempo presente da criança. Na perspectiva de uma pedagogia da infância, a criança “toma parte em” e “faz com” (BROUGÈRE; ULMANN, 2012, p. 308) nas ações pedagógicas do professor. Isto significa que a participação ativa da criança e seus processos de imaginação, criação e expressão infantis demandam o envolvimento e partilha de um cotidiano que é coletivo.

c) *A organização dos espaços e as diferentes materialidades* como provocadores de um corpo infantil que participa de uma experiência em arte que é educativa ao explorar e descobrir o próprio cotidiano. A experimentação espacial e o manuseio de materiais inusitados são potentes em desencadear momentos de estesia na criança à medida que “bagunçam o mundo natural por meio de diferentes modalidades que abarcam as artes visuais” (CUNHA et al., 2017, p. 13). Sob este viés, “valorizar o ambiente como espaço de relações”; isto é, de brincadeiras, descobertas e interações é investir na competência e curiosidade das crianças (HORN, 2017, p. 27), além de promover diferentes linguagens expressivas (CUNHA et al, 2017).

d) *O cotidiano como fio condutor do currículo na escola infantil*, ao entender que a qualidade reside “para além do discurso, na construção do significado” (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2019, p. 119) e o conhecimento surge da simplicidade de um cotidiano que é problematizado. Acolher a criança é pensar o mundo da vida dentro da escola como um “método de trabalho complexo, um modo de ser do adulto, uma ideia chave no processo educativo” (STACCIOLI, 2013, p. 25). A abordagem educativa é intencional e ao encontro dos campos de experiência das crianças: são as vivências infantis que devem reger os pensamentos e ações da docência como um laboratório dinâmico e contínuo de aprendizagens. Na escola infantil, o currículo é vivido quando se desvia do assistencialismo e da escolarização e o adulto-professor se dispõe a olhar e ouvir os modos de ser, de aprender e de conhecer das crianças (SILVA; CARVALHO, 2020).

e) *A figura da docência na educação infantil*, refletida nos aspectos organizacionais e/ou dinâmicos da própria profissão; o trabalho do modo como é vivenciado e significado por ele e para ele. As práticas

pedagógicas percebidas como uma “atividade humana interativa em que a interação entre as crianças e o objeto de trabalho são, portanto, um aspecto fundamental na composição dos modos de ser docente” (CARVALHO; GUIZZO, 2020, p. 7). A didática como um conjunto de práticas que “concebe a criança como sujeito histórico e de direitos, detentora e promotora de culturas, que são partilhadas com o professor e as outras crianças a partir de uma escuta atenta” (SILVA; CARVALHO, 2020, p. 499).

Pensar a arte contemporânea e as aproximações com as infâncias foi a convocatória da obra organizada por Cunha e Carvalho (2017). A cada capítulo, um coletivo de ideias tensionou sobre o propósito de práticas artísticas percebendo-as para além de ações docentes estáticas e ao encontro de uma criança que “tem de aprender de maneiras diversificadas, ricas e profundamente significativas, usando muitas linguagens” (GANDINI *et al*, 2019, p. 4). O tempo presente do cotidiano das crianças em experiências educativas “extraordinárias”, enriquecidas, que ampliam o repertório infantil e promovem educação social e cidadania ativa.

O professor é o personagem que cria e organiza as situações escolares e não se posiciona somente no lugar do adulto. É aquele que defende a riqueza da interação entre as crianças e tem o desafio de “burilar o olhar” para as experiências artísticas na escola, pensando sobre o potencial inventivo das crianças e o quanto há de marcas culturais em suas produções. A arte na escola como experiência e exploração de linguagens infantis (CUNHA; CARVALHO, 2017) que se expressam como um pensamento visual que é narrado e (re)significado à medida que existe e fala de algo ou alguém e reinventa a história de um cotidiano que é vivido.

Encerro essa viagem de sonhos e desafios docentes que, aqui relatados, animam a um contexto educativo mais alegre e comprometido com as intencionalidades e condições pedagógicas em que ocorrem o processo de criação artística na escola infantil: espaços, vivências, materialidades, tempos e relações. Levo comigo uma nova bagagem, ainda com as incertezas de uma profissão inacabada, porém rica em possibilidades de ser, ouvir, sentir, propor e aprender sobre a arte contemporânea na educação infantil.

Referências

BERTASI, A. T. F.; CARVALHO, R. S. de. As produções gráfico-plásticas das crianças. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

BORGES, C. B. Respingos, colagens, vozes, sensações. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

BROUGÈRE, G. Uma teoria da aprendizagem adaptada: a aprendizagem como participação. In: BROUGÈRE, G.; ULMANN, A. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 2012.

CARVALHO, R. S. de; GUIZZO, B. S. Cartas de Pasantes como Textos Pedagógicos: momentos de la docencia em educación infantil. **Hachetepé. Revista Científica de Educación y Comunicación**. [s.l.], n. 20, p. 6-16, 2020.

CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

CUNHA, S. R. V. da et al. **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Tradução de Magda França Lopes, com revisão técnica de Kátia de Souza Amorim. Porto Alegre: Penso, 2019.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GANDINI, L. et al. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. Porto Alegre: Penso, 2019.

GOBBI, M. A. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. de.; DEMARTINI, Z. B.; PRADO, P. D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 69-92.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2010. p. 1-21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6678-multiplaslinguagens&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 10 fev. 2021.

GOBBI, M. A. Crianças, fotografias, derivas. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

HORN, M. da G. S. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PILLOTTO, S.; CLAUBER, C. A experiência dos bebês com a arte. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A. L. de; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, M. O.; CARVALHO, R. S. de. Concepções sobre currículo na educação infantil: ressonâncias da Pedagogia da infância em narrativas de professoras. **Currículo Sem Fronteiras**. [s.l.], v. 20, p. 497-514, 2020.

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-7, e-17571.022, 2021.
Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

SILVEIRA, C. R. da.; VIEIRA, S. Criando com pedaços de papel. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. (Orgs.). **Arte contemporânea e educação infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017.

STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.

VALLE, L. D.; FREISLEBEN, J. M. A potência edu(vo)cativa das artes visuais. In: CUNHA, S. R. V. da; CARVALHO, R. S. de. **Arte contemporânea e educação infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. Porto Alegre: Mediação, 2017.

Recebido em: 07 de março de 2021.

Versão corrigida recebida em: 12 de março de 2021.

Aceito em: 15 de março de 2021.

Publicado online em: 26 de março de 2021.

